



Arte, educação e revolução cultural - Cuba

Pedro Monzon Barata

Cônsul Geral de Cuba em São Paulo, graduado em Ciência Política pela Universidade de Havana, Cuba, e mestre em estudos da Ásia e Norte da África por El Colegio de Mexico. É pesquisador com o posto de embaixador pelo Centro de Investigaciones de Política Internacional de Cuba (CIPI).

Resumo

O texto resulta de conferência apresentada em seminário e se propõe fazer um relato das políticas culturais de Cuba depois da Revolução de 1959, destacando conquistas que tiveram como base a valorização da educação e da cultura para todo o povo. Como referencial teórico-metodológico, o autor se baseia no conceito de cultura que abrange aspectos econômicos, políticos, científicos, jurídicos, religiosos e comunicativos; por sua vez, concebe a educação como processo de apropriação do conhecimento e de socialização, constituindo suporte fundamental para o desenvolvimento e a reafirmação cultural.

Palavras-chave: cultura; arte; educação; revolução cultural; Cuba.

Resumen

El texto es resultado de una conferencia presentada en un seminario y pretende dar cuenta de las políticas culturales de Cuba después de la Revolución de 1959, destacando logros que se basaron en valorar la educación y la cultura para todo el pueblo. Como referente teórico-metodológico, el autor parte del concepto de cultura que engloba aspectos económicos, políticos, científicos, jurídicos, religiosos y comunicativos; a su vez, concibe la educación como un proceso de apropiación y socialización del conocimiento, constituyendo un soporte fundamental para el desarrollo y reafirmación cultural.

Palabras clave: cultura; arte; educación; revolución cultural; Cuba.

Abstract

This paper was presented as a conference and has the objective of giving an account of Cuba's cultural policies after the 1959 Revolution, highlighting achievements that were based on the promotion of education and culture for the entire people. Its theoretical-methodological reference is based on the author's concept of culture that encompasses economic, political, scientific, legal, religious and communicative aspects; he also conceives education as a process of knowledge appropriation and socialization, constituting a fundamental support for cultural development and reaffirmation.

Keywords: culture; art; education; cultural revolution; Cuba.

Assumo que cultura é um conceito abrangente e inclui atividades econômicas, políticas, científicas, jurídicas, religiosas, comunicativas muito diversas, ou seja, atividades sociais em geral. Inclui a criação artística e literária, mas na realidade preocupa-se com tudo o que tem a ver com a espiritualidade, que é o que distingue o ser humano dos animais inferiores. É ao mesmo tempo um instrumento de coesão social e um fator de identidade. Por outro lado, a educação é um processo de apropriação do conhecimento, de socialização e constitui um suporte fundamental para o desenvolvimento e reafirmação cultural.

Com base nisso, a melhor maneira de avaliar o papel do neoliberalismo na educação, na arte e na cultura é apresentar brevemente a evolução desses setores na sociedade cubana antes e depois do triunfo da Revolução Cubana em 1959.

Minha intenção é verificar comparativamente no nosso caso específico, como a educação e a cultura funcionam em um país dependente cujo cerne era o mercado e a propriedade privada, sobre o qual se erigia um sistema oligárquico e ditatorial. E nesse mesmo país, terminadas as relações de exploração, o mercado passou para um plano subordinado e o Estado e a política começaram a desempenhar o papel central a partir de pressupostos humanistas, democráticos e solidários. Antes da revolução, a cultura da maioria do povo cubano foi muito afetada pelo analfabetismo e pelos baixos níveis de educação geral.

A caracterização cultural e educacional do país não pode ser reduzida a esses importantes fatos isolados. Sua essência era que a visão cultural predominante nas pessoas era uma derivação, um reflexo da totalidade do sistema econômico, político e social capitalista reinante. As convicções do imaginário cultural que permeavam as mentes da população eram a naturalidade da existência de uma sociedade de classes que significava o desamparo da maioria e o domínio econômico e político de uma poderosa elite minoritária que tinha acesso privilegiado a recursos e serviços públicos.

Para aquela sociedade podia parecer natural que uma grande parte da população não tivesse acesso à educação, ou apenas um acesso precário. O mesmo acontecia com a cultura, a saúde pública e outros serviços sociais. Enquanto isso, as classes favorecidas frequentavam as melhores escolas, todas as escolas particulares, inacessíveis às massas.

O consumo de bens de todos os tipos, muitas vezes suntuosos, era então exclusividade das classes abastadas e, em geral, a meta, quase sempre inatingível, principalmente para as classes médias e pobres.

Aquele mundo, da prostituição, do lenocínio, da discriminação racial contra mulheres e despossuídos fazia parte da normalidade. As favelas que circundavam as cidades e inclusive adentravam essas, a pobreza no campo e nas cidades, a desnutrição infantil e as doenças curáveis caracterizavam o panorama nacional.

Enquanto a alta sociedade exibia abertamente pessoas extravagantes, ricas e poderosas dentro de uma bolha de luxo e desperdício. A ordem política, o multipartidarismo, uma falsa democracia, governos corruptos e venais, a crescente repressão interna e a ausência de soberania nacional eram ingredientes inseparáveis desse sistema decadente.

Esse é o tipo de educação tácita que o capitalismo implanta em sua fase liberal

ou neoliberal. Esta é a imagem cultural que se projeta na mente do cidadão. Tentar convencê-lo a resignar-se e aceitar essa realidade dolorosa como única opção, como parte da natureza do ser humano. Certamente, esse era o pressuposto da instrução educacional e da identidade geral e cultural de Cuba antes de 1959.

Apesar da política não funcionar como fator de promoção da educação geral, cultural e artística da sociedade, na fase pré-revolucionária, a nação recolheu um patrimônio cultural de indiscutível valor. As influências africanas e espanholas na música, na dança, na literatura, na arquitetura, nas particularidades, nos costumes, na religião, tiveram papel fundamental na composição sincrética da nossa arte e da nossa cultura.

Das classes médias e do povo surgiram talentosos líderes políticos e sociais, escritores, artistas, cientistas. Como resultado, um fenômeno espontâneo, mas restrito, de amadurecimento do processo de integração de nossa nacionalidade.

A rebeldia do grupo de vanguarda e o movimento comunista cubano surgiram e se espalharam pelas cidades como reação à situação prevalecente e adquiriram o *status* de reações políticas. Em concomitância, a repressão aumentou para limites sem precedentes. Tudo isso integra o patrimônio histórico de Cuba e é base do desenvolvimento da cultura geral e política e das artes, após o triunfo revolucionário e durante o desenvolvimento socialista.

Influências internacionais também integraram esse legado, inclusive algumas dos próprios Estados Unidos, o que dá a muitas amostras de nossa cultura um valor universal, ou seja, o socialismo, a revolução na cultura, instaura uma cultura superior, mas que tem que emprestar do passado.

Lenin catalogou esse processo como uma assimilação crítica da herança burguesa, o que não se limita apenas ao que a burguesia criou, mas à cultura gerada pelo povo como um todo durante o sistema capitalista e mesmo antes dele. Trata-se, em suma, de um processo de continuidade obrigatória e ruptura.

A revolução não ofereceu apenas educação e cultura universal e gratuita, por mais importante que essas sejam. Foi muito mais longe, assumiu que o povo era o verdadeiro protagonista dos processos políticos, econômicos, sociais e culturais da nação, que se apropria destes. O desenvolvimento de uma cultura radicalmente nova, uma pré-condição e cerne do socialismo cubano, está intimamente ligado ao marxismo, pensamento leninista e martiano.

Sobre essas bases, Che desenvolveu a ideia do homem novo, agora dizemos um homem e uma mulher, ou uma mulher e um homem, humana e culturalmente diferente. Para atingir este objetivo, o sistema não pode se subordinar aos ditames do mercado e do capital privado, características que se atrofiam durante a fase neoliberal do capitalismo. Por esse conceito revolucionário e muitas outras razões, o simbolismo do Che é admirado e respeitado no mundo, exceto por raríssimos indivíduos com pouca compreensão e nenhum coração.

O mercado, inumano, mesmo quando seus mecanismos automáticos geram resultados que prejudicam a sociedade, a dependência do mercado leva ao consumismo, ao desperdício de recursos, a danos no meio ambiente, proporciona uma imagem falsa, uma ilusão enganosa para os cidadãos que os separam da verdadeira solução de seus

problemas e necessidades essenciais, o que, embora contraditório, beneficia a reprodução de um sistema igualmente contraditório.

A revolução cubana rompe radicalmente com esse estado de coisas, que transforma e substitui por um sistema no qual desaparece a exploração de umas classes pelas outras. Uma política humanista passou a desempenhar o papel fundamental e o mercado ficou subordinado, em um segundo plano. Isso explica porque a justiça social e a solidariedade internacional se tornaram um dos pilares centrais do socialismo cubano. É por isso que a educação e a saúde pública imediatamente se tornaram direitos humanos públicos, gratuitos e universais, e que muitos outros serviços, como o de cultura, começaram a ser subsidiados, garantindo o acesso gratuito à população.

A propagação de uma Educação e Cultura Socialista, que alcançou todo o povo, não apenas intelectuais e artistas, gerou o desenvolvimento de uma nova consciência nacional que foi erigida como base para o estabelecimento, pela primeira vez em Cuba, de uma mudança de raiz radical em todos os terrenos, evidentes através de atos concretos, de Justiça Social, não campanhas e palavras vazias de políticos, venais e demagogos, como acontecia antes em Cuba e continua acontecendo pelo mundo afora.

A revolução transformou a cultura nacional em sua própria essência. Apoiada no lema de Martí de que a única maneira de ser livre é ser culto, e também pode-se dizer que o inverso vale, o caminho do desenvolvimento cultural não poderia ser percorrido sem a liberdade no sentido pleno da palavra. A conquista da verdadeira emancipação política e social passa necessariamente pela emancipação intelectual e do pensamento do povo. A revolução dentro de uma sequência contínua de medidas substanciais na educação.

Apenas dois anos após o triunfo da Revolução e através da grande adesão de professores voluntários, quase todos estudantes de nível secundário, iniciou-se a alfabetização de todos os cidadãos analfabetos, que eram a grande maioria da população. Após a alfabetização, processo que terminou de maneira fulminante, o que só pode ser explicado descrevendo-o como uma decisão política do Governo não vinculada ao dinheiro e ao mercado, foi instituído um sistema de continuidade educacional que visava elevar sistematicamente o nível de educação de toda a população, e foi estabelecida a rede de escolas de arte que cobre até os cantos mais remotos do país, e a Universidade das Artes.

Isso explica a verdadeira explosão, agora massiva, de artistas de alto nível em todos os setores que incluem música, dança, literatura, cinema e tantas outras manifestações. Isso também explica por que muitos dos mais renomados artistas e escritores cubanos vêm precisamente de setores muito humildes da cidade e do campo.

Este esforço educacional continuou com a chamada universalização do ensino universitário, processo que começou em 1969, a partir do qual foram criadas universidades em todas as províncias, incluindo os municípios, e estudos voltados aos trabalhadores.

Em 2001, Fidel começou a promover com força a cultura geral integral, que não inclui apenas a instrução escolar, mas também se abre ao domínio de tópicos relacionados à política nacional e internacional, literatura, arte, cultura geral, filosofia, etc. Essa nova abordagem afetou todas as carreiras universitárias, independentes dessas terem a ver com os estudos de humanidades.

Nas últimas décadas, como parte desse esforço, Fidel impulsionou, como ferramenta de luta, o conceito de batalha das ideias. Isso não influenciou apenas os cubanos, mas também em muitas outras latitudes e países. Seu fundamento foi que as ideias são as verdadeiras armas que os movimentos progressistas e de esquerda têm para enfrentar o capitalismo e o hegemonismo imperialista. Esse fio condutor de educação e cultivo da cultura da população não foi rompido mesmo com as tremendas dificuldades implicadas pelo bloqueio dos Estados Unidos.

Não houve recesso. O governo cubano tomou medidas, designou instituições e importantes orçamentos que apoiariam esses processos complexos. Foram criados os Ministérios da Educação e do Ensino Superior, foi estabelecido o Conselho Nacional da Cultura, sucedido por um poderoso Ministério da Cultura e múltiplas instituições, empresas e grupos culturais. Foram fundados institutos de pesquisa científica que explicam o grande desenvolvimento das ciências em Cuba, começou-se a formação de instrutores de arte e assistentes sociais, foram criados editoriais que publicaram livremente as obras mais importantes da cultura universal e as pôe nas mãos do povo a preços muito baixos. “A revolução não diz para você crer, a revolução diz para você ler”, afirmou Fidel nos primeiros momentos após a vitória. Como resultado, o cubano de hoje tem um alto nível educacional e cultural, tem um senso de camaradagem e respeito pelos outros, e embora persistam leves requícios, o racismo e a discriminação contra as mulheres, estas formas de discriminação, foram extirpadas estruturalmente de nossa sociedade e estão longe de serem os problemas típicos da etapa do capitalismo.

As mulheres adquiriram um protagonismo muito especial em todas as áreas da sociedade, na política e na economia. Essas mudanças se refletem na idiossincrasia e no comportamento atual do cubano. O cubano nutre sentimentos de rejeição às injustiças dentro e fora de Cuba, especialmente contra os mais humildes, adquiriu uma vocação para a solidariedade internacional sem precedentes e desenvolveu um sentimento de independência e dignidade nacional junto com o orgulho de ser cubano e a vontade de proteger, unidos, a soberania nacional, a todo custo.

Como resultado dos altos níveis de educação, o povo entende, participa e é protagonista das políticas nacionais. Por tudo isso, ela se enraíza, cultiva a memória histórica e a renova continuamente. Podemos enfrentar uma guerra prolongada, e já o fizemos diante das agressões dos EUA, mas se chegasse ao ponto da agressão armada, a resistência seria insuportável para o invasor.

Fazer da educação, da arte e da cultura, fontes de identidade e raízes fundamentais dos povos, que são o substrato do sentimento de independência nacional, constituem alvos muito importantes para a influência capitalista e imperialista. Utilizam ferramentas culturais e midiáticas de dominação que promovem padrões de adoração aos símbolos do capitalismo, do neoliberalismo. São áreas em que exercem grande influência com seus paradigmas generalizados no mundo através de suas indústrias culturais avassaladoras e a proliferação de mentiras impunes.

No caso de Cuba, Venezuela, Nicarágua e outros países, isso é reforçado pelo sufocamento econômico que os Estados Unidos impõem a todas as nações do planeta e à sociedade cubana através da globalização neoliberal que caracteriza nosso tempo.

Esse desafio se multiplica em uma situação como a atual, quando uma pandemia ameaça o modo de vida e a própria existência do ser humano.

Em um Congresso da União Nacional de Escritores e Artistas de Cuba, Fidel afirmou que a primeira coisa que deveria ser salva era a cultura, o que reiterou nos momentos extremamente difíceis do período especial que atingiu Cuba na década de 1990 como resultado do colapso dos países socialistas e do fortalecimento do bloqueio norte-americano. Não se referia estritamente à proteção de obras e instituições, mas à vida espiritual dos cubanos, expressa na ética e nos princípios revolucionários, enfim, nos valores gerais e culturais.

Em consonância com isso, em outra circunstância Fidel afirmou que a cultura é a lança e o escudo da nação. Com efeito, a cultura é o imaginário e a memória da nação, o centro da sua identidade e da sua capacidade de resistência. A garantia do seu progresso e do seu futuro, sem cultura nacional e solidária seríamos como folhas ao vento. De um recente artigo da ilustre intelectual cubana Graziella Pogolotti chamado *Fidel y la cultura* cito:

A política cultural fidelista merece uma análise abrangente para a preservação de seu alcance estratégico, algo singularmente atual diante dos desafios colocados pelas consequências da pandemia. Os enigmas são muitos, mas já se anuncia o crepúsculo da euforia neoliberal. As estatísticas chocantes de doentes sem amparo, de cemitérios transbordantes, testemunham a crise de uma sociedade doente de racismo e febre do ouro, ameaçada pela previsível destruição do planeta. É tempo de refundar, com as ferramentas da cultura, uma batalha efetiva de ideias que nos envolva a todos, porque, como a pandemia demonstrou, todos estamos ameaçados. Nesse contexto, resgatado em sua totalidade, Fidel continua a apertar as costelas do Rocinante (POGOLOTTI, 2021).

Cuba de antes da revolução teria testemunhado um massacre da população como resultado da pandemia. No entanto, a Cuba de hoje mostrou um comportamento excepcional que a distingue por seu renomado sistema de saúde, o que explica sua extraordinária capacidade de controlar internamente essa doença contagiosa. Também explica o desenvolvimento de uma cooperação internacional sem precedentes, que inclui o destacamento do contingente Henry Reeve em muitos países afetados pela pandemia, um poderoso serviço médico com elevado profissionalismo e valores humanos, um setor científico capaz de produzir medicamentos de alta tecnologia de reconhecida eficácia, incluindo a vacina, diferencia esta pequena ilha bloqueada de muitos outros países.

Tudo isso foi possível graças à disciplina, formação geral e científica e à preparação cultural e vocação internacionalista que foi semeada pelo povo cubano, a revolução, ao contrário das concepções e práticas neoliberais. Em Cuba, um Estado poderoso têm feito políticas que têm como centro o benefício da humanidade, graças ao fato de ter sido plenamente apoiada pelo povo cubano e todas as instituições dentro de um sistema nacional coerente e bem ajustado, embora devamos estar muito vigilantes contra o fluxo contínuo de influência pernicioso do imperialismo em sua atual forma neoliberal.

O cubano, as novas gerações têm um capital de sangue sacrificado nas lutas e de ideias e valores inculcados durante 60 anos de revolução. Eles incluem um forte senso de independência e dignidade nacional. Aí reside nosso poder e confiança.

Referências bibliográficas

CASTRO RUZ, Fidel. **Una Revolución solo puede ser hija de la cultura y las ideas**. Havana: Editora Política, 1999.

GUEVARA Ernesto Ché. **Obras Escogidas 1957-1967**. Tomo I. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2019.

LENIN, Vladimir Ilich. **La cultura proletaria**. Editorial de la Agencia de Prensa Nóvosti, 1972.

MARTI, José. **Obras Escogidas em tres tomos**. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales/Centro de Estudios Martianos, 2007.

POGOLOTTI, Graziella (2021). **Fidel y la cultura**. Disponível em <http://www.cubadebate.cu/opinion/2021/08/22/fidel-y-la-cultura-2/>. Acesso em 29/04/2022.

Recebido em 02 de maio de 2022 e aprovado em 09 de maio de 2022.